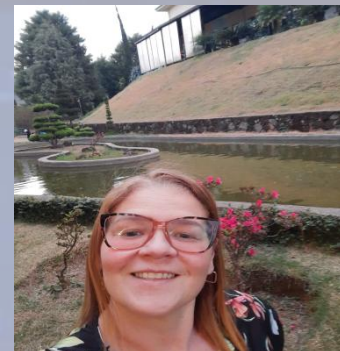


O AUMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS APÓS A PANDEMIA DE COVID-19: CAUSAS, IMPACTOS E PERSPECTIVAS



THE INCREASE IN VIOLENCE IN SCHOOLS AFTER THE COVID-19 PANDEMIC: CAUSES, IMPACTS AND PERSPECTIVES

ANA BELARA JULIO JUDICE ARAGÃO

Professora da rede municipal de São Paulo, graduada em Biologia pela Universidade Brás Cubas, graduada em Pedagogia pela Universidade nove de julho. Pós-graduada em Educação Especial pela Faculdade São Luíz e Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela FALC.

RESUMO

Este artigo analisa o crescimento da violência nas escolas após o período pandêmico, com base em estudos científicos nacionais e internacionais. São apresentados os principais fatores associados à intensificação dos conflitos nas instituições de ensino, como o impacto do isolamento social, o agravamento de transtornos psicoemocionais e o enfraquecimento dos vínculos escolares. O texto também propõe estratégias de enfrentamento, defendendo a construção de um ambiente escolar mais saudável, seguro e acolhedor.

Palavra-Chave: Violência Escolar; Pandemia; Saúde Mental; Pós-covid; Educação Socioemocional.

ABSTRACT

This article analyzes the rise in violence in schools after the pandemic, based on national and international scientific studies. It presents the main factors associated with the intensification of conflicts in educational institutions, such as the impact of social isolation, the worsening of psycho-emotional disorders, and the weakening of school bonds. The text also proposes coping strategies, advocating for the construction of a healthier, safer, and more welcoming school environment.

Keywords: School Violence; Pandemic; Mental Health; Post-COVID; Social-Emotional Education.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar, tradicionalmente concebido como espaço de aprendizado, socialização e desenvolvimento humano, tem enfrentado um agravamento significativo nos casos de violência entre estudantes, bem como entre alunos e professores, especialmente após o retorno às atividades presenciais em decorrência da pandemia de COVID-19. Esse fenômeno tem sido amplamente relatado por instituições de ensino, profissionais da educação e pesquisadores da área. De acordo com Silva (2022), esse aumento expressivo da violência escolar é resultado de uma complexa interação de fatores emocionais, sociais e estruturais, que foram potencializados ao longo do período de isolamento social.

Durante a pandemia, estudantes de diferentes faixas etárias permaneceram longos períodos afastados do convívio presencial, o que impactou profundamente sua saúde mental e sua capacidade de desenvolver habilidades de convivência e resolução de conflitos. O confinamento, aliado à exposição prolongada às telas, à sobrecarga emocional das famílias e à interrupção de atividades extracurriculares, contribuiu para o surgimento ou agravamento de quadros de ansiedade, depressão, irritabilidade e desmotivação. Para muitos, o retorno às aulas presenciais foi marcado por sentimentos de insegurança, frustração e dificuldade de reintegração social.

Além disso, o contexto socioeconômico agravado pela pandemia, com aumento do desemprego, da pobreza e da insegurança alimentar, impactou diretamente o cotidiano de muitos estudantes. O ambiente doméstico, em vários casos, tornou-se um espaço de tensão e sofrimento, refletindo-se nas relações estabelecidas dentro da escola. Segundo estudos recentes, o enfraquecimento dos vínculos escolares – tanto com os colegas quanto com os educadores – contribuiu para a sensação de desengajamento e para o aumento de comportamentos agressivos e disruptivos no espaço educacional.

Outro ponto relevante é o desafio enfrentado pelas escolas no processo de adaptação ao novo contexto. A ausência de políticas públicas robustas e de suporte emocional institucionalizado dificultou a implementação de estratégias preventivas e interventivas voltadas à saúde mental e à cultura de paz. Muitas instituições retomaram as aulas presenciais sem contar com equipes multidisciplinares adequadas ou com protocolos de acolhimento e escuta ativa para estudantes em situação de vulnerabilidade emocional.

Diante dessa realidade, torna-se urgente analisar as múltiplas dimensões que envolvem o crescimento da violência nas escolas, compreendendo-a não apenas como resultado de

comportamentos individuais, mas como expressão de um mal-estar social ampliado pelas condições impostas pela pandemia. Este artigo tem como objetivo central investigar os fatores que contribuíram para a intensificação dos conflitos escolares no período pós-pandêmico, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e baseada em evidências científicas. Além disso, propõe estratégias para o enfrentamento desse fenômeno, com foco na promoção de um ambiente educacional mais seguro, acolhedor e promotor do desenvolvimento integral dos sujeitos.

CRESCIMENTO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS NO PÓS PANDEMIA: FATORES ASSOCIADOS

Após o retorno às aulas presenciais, muitos ambientes escolares registraram um aumento significativo nos casos de violência física, verbal e simbólica. Esse fenômeno tem sido objeto de estudo de diversas pesquisas acadêmicas e relatórios institucionais, que apontam uma combinação de fatores interligados como causa desse agravamento. Entre os principais, destacam-se:

IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL

Durante o período de distanciamento social imposto pela pandemia, crianças e adolescentes ficaram afastados do convívio coletivo, o que prejudicou o desenvolvimento de habilidades socioemocionais fundamentais, como empatia, cooperação e resolução de conflitos. A volta ao ambiente escolar revelou dificuldades de readaptação à convivência em grupo, com aumento de comportamentos agressivos e desajustados.

AGRAVAMENTO DE TRANSTORNOS PSICOEMOCIONAIS

A pandemia intensificou quadros de ansiedade, depressão, estresse e outras condições de saúde mental entre estudantes e também entre profissionais da educação. O luto por perdas familiares, a instabilidade financeira e a insegurança social contribuíram para esse cenário. Muitas escolas, no entanto, não estão preparadas para lidar com essas demandas emocionais, o que se reflete em conflitos e episódios de violência.

ENFRAQUECIMENTO DOS VÍNCULOS ESCOLARES

O distanciamento prolongado comprometeu o sentimento de pertencimento dos alunos à escola. Muitos estudantes relataram uma desconexão com os conteúdos, com os professores e com a dinâmica escolar como um todo. A falta de engajamento e a sensação de não serem acolhidos ou ouvidos aumentam o risco de comportamentos disruptivos e agressivos.

METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido com base em uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentando-se em uma revisão bibliográfica sistemática e na análise de estudos de caso. A proposta metodológica

visa compreender, à luz de dados teóricos e empíricos, os fatores associados ao aumento da violência nas escolas brasileiras no período pós-pandêmico, bem como identificar caminhos para o enfrentamento desse fenômeno.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica abrangeu publicações acadêmicas nacionais e internacionais realizadas entre os anos de 2020 e 2025, com foco em estudos que discutem os impactos da pandemia de COVID-19 na educação, saúde mental de estudantes, clima escolar e dinâmicas de violência dentro do espaço escolar. A busca por material foi conduzida nas seguintes bases de dados:

- SciELO (Scientific Electronic Library Online)
- CAPES Periódicos
- Google Scholar
- PubMed (para literatura internacional sobre saúde mental e educação)

Os critérios de inclusão foram:

- Estudos publicados entre 2020 e 2025;
- Trabalhos com metodologia clara e fundamentação teórica consistente;
- Artigos revisados por pares, dissertações e teses acadêmicas;
- Relatórios técnicos e institucionais de relevância pública.

Como critério de exclusão, foram desconsiderados textos opinativos sem fundamentação científica, fontes jornalísticas sem revisão ou estudos com foco exclusivo em violência urbana fora do contexto escolar.

DADOS INSTITUCIONAIS

A pesquisa também integrou dados secundários disponibilizados por organismos nacionais e internacionais. As principais fontes foram:

Organização Mundial da Saúde (OMS): dados sobre os impactos da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes;

Ministério da Educação (MEC): informações sobre políticas educacionais e registros de violência escolar;

UNESCO e UNICEF: relatórios sobre o retorno às aulas e seus efeitos sobre o comportamento estudantil;

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP): levantamento de dados sobre violência em ambientes escolares no Brasil.

Essas fontes foram utilizadas para fornecer contextualização estatística e embasamento empírico ao fenômeno estudado.

ESTUDO DE CASO

Para aprofundar a compreensão do fenômeno em contextos específicos, foram analisados dados qualitativos de estudos de caso. Um dos principais estudos utilizados foi a pesquisa desenvolvida pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), no campus de Marília-SP, **que investigou as percepções de professores da rede pública sobre o aumento da violência escolar no retorno às atividades presenciais.**

Esse estudo de caso foi selecionado por oferecer dados valiosos sobre a experiência direta de profissionais da educação, destacando os tipos de violência mais recorrentes, as mudanças observadas no comportamento dos estudantes, as estratégias de enfrentamento adotadas nas escolas e as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar.

ANÁLISE DE DADOS

Os dados obtidos foram analisados a partir de uma perspectiva interdisciplinar, articulando fundamentos da educação, psicologia, sociologia e políticas públicas. A análise foi organizada em categorias temáticas que emergiram dos próprios materiais consultados, como:

- Efeitos psicoemocionais da pandemia;
- Fragilidade dos vínculos escolares;
- Violência simbólica, verbal e física no espaço escolar;
- Condições estruturais e ausência de suporte institucional.
- Essa metodologia permitiu uma compreensão aprofundada do problema, respeitando sua complexidade e múltiplas dimensões.

DESENVOLVIMENTO

A intensificação da violência escolar no período pós-pandêmico tem sido objeto de crescente atenção por parte de pesquisadores, profissionais da educação e órgãos governamentais. Essa conjuntura complexa envolve múltiplos fatores interligados que impactaram diretamente o comportamento dos estudantes, a saúde mental dos profissionais da educação e o clima institucional das escolas. Esta seção analisa os principais elementos que contribuíram para esse cenário, seus efeitos no cotidiano escolar e as estratégias atualmente propostas para o enfrentamento do problema.

FATORES QUE INFLUENCIARAM OS CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Diversos fatores atuaram de forma conjunta para agravar os conflitos no ambiente escolar após a pandemia de COVID-19. Dentre os mais significativos, destacam-se:

ISOLAMENTO SOCIAL

A interrupção das atividades presenciais e a consequente ruptura da rotina escolar impactaram negativamente o desenvolvimento emocional e social dos estudantes. Segundo Gomes et al. (2021), a ausência de interações face a face comprometeu a construção de vínculos afetivos e a capacidade de lidar com frustrações, o que favoreceu o surgimento de comportamentos agressivos e de intolerância nas relações interpessoais.

TRANSTORNOS MENTAIS

Relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) apontam um aumento expressivo nos casos de ansiedade, depressão e outros transtornos psicoemocionais entre adolescentes durante e após o período de isolamento. Tais condições, muitas vezes não diagnosticadas ou não tratadas adequadamente, manifestam-se por meio de atitudes agressivas, desinteresse pelas atividades escolares e dificuldades de socialização.

SOBRECARGA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

O retorno às aulas presenciais também expôs os educadores a situações de extrema pressão. Conforme Veiga Neto (2020), muitos professores enfrentaram quadros de burnout, sobrecarga emocional, luto por perdas familiares e ausência de suporte institucional. Essa fragilidade comprometeu sua capacidade de mediação de conflitos e acolhimento das demandas emocionais dos estudantes.

DESIGUALDADES SOCIAIS

O agravamento das desigualdades sociais no Brasil durante a pandemia teve reflexos diretos no comportamento dos alunos. De acordo com Carvalho & Silva (2022), famílias em situação de vulnerabilidade foram severamente impactadas por desemprego, insegurança alimentar e acesso precário à educação remota. Esses fatores geraram um ambiente de instabilidade emocional e social, refletido na forma como os estudantes se relacionam no espaço escolar.

DEFICIT SOCIOEMOCIONAL

A aprendizagem remota, apesar de necessária durante o período pandêmico, teve limitações quanto ao desenvolvimento de competências socioemocionais. Oliveira et al. (2023) afirmam que habilidades

como empatia, autorregulação, escuta ativa e resolução de conflitos não puderam ser plenamente trabalhadas no ambiente virtual, dificultando o retorno à convivência presencial e ampliando os riscos de comportamentos violentos.

IMPACTOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Os fatores mencionados provocaram uma série de consequências negativas no cotidiano das instituições de ensino. Entre os principais impactos, destacam-se:

Aumento de casos de bullying e violência física e verbal, tanto entre estudantes quanto em interações com professores e outros membros da equipe escolar. Episódios de indisciplina e confrontos em sala de aula tornaram-se mais frequentes, exigindo respostas imediatas das instituições.

Queda no rendimento acadêmico: A dificuldade de concentração, o desinteresse pelas atividades escolares e a descontinuidade dos estudos durante a pandemia contribuíram para o baixo desempenho dos estudantes. Em muitos casos, isso resultou em **evasão escolar** ou abandono temporário da vida acadêmica.

Deterioração do clima escolar: O aumento dos conflitos, aliado ao sofrimento emocional generalizado, comprometeu a construção de um ambiente seguro e acolhedor. Professores relataram sensação de impotência e falta de recursos para lidar com a nova realidade, enquanto alunos manifestaram desmotivação e insegurança no espaço escolar.

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Frente a esse cenário, diversas estratégias vêm sendo propostas por especialistas, gestores públicos e organizações educacionais com o objetivo de mitigar os efeitos da violência e promover uma cultura de paz nas escolas. Entre as principais ações sugeridas, destacam-se:

- **Implantação de programas permanentes de educação socioemocional**

O desenvolvimento de habilidades como empatia, autocontrole, comunicação não violenta e resolução de conflitos deve ser parte integrante do currículo escolar. Programas como o “Educar para Conviver” e outras iniciativas baseadas em competências socioemocionais têm mostrado bons resultados na prevenção da violência.

- **Oferta de apoio psicológico institucionalizado**

É fundamental que as escolas contem com **equipes multiprofissionais**, incluindo psicólogos e assistentes sociais, para oferecer suporte contínuo a estudantes e educadores. Esse apoio deve ser acessível, sistemático e sensível às especificidades de cada comunidade escolar.

- **Formação continuada de educadores em gestão de conflitos**

Os professores precisam ser capacitados para lidar com os desafios da convivência escolar, por meio de **formações em mediação de conflitos, escuta ativa, primeiros socorros emocionais e práticas restaurativas**. Isso fortalece sua atuação como agentes de transformação do ambiente escolar.

- **Participação ativa das famílias e da comunidade**

Santos & Lima (2024) destacam a importância do envolvimento das famílias nas ações preventivas contra a violência. Projetos de integração entre escola, comunidade e serviços públicos ampliam o alcance das estratégias e promovem maior coesão social em torno do ambiente educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho permite compreender que o aumento da violência nas escolas, no contexto pós-pandêmico, não se configura como uma simples anomalia comportamental ou como episódios isolados e esporádicos. Trata-se, na verdade, de um fenômeno multifatorial que evidencia fragilidades históricas e estruturais **do** sistema educacional brasileiro, agravadas pelas consequências diretas e indiretas da pandemia de COVID-19.

Os dados e estudos discutidos demonstram que o isolamento social imposto pela pandemia rompeu rotinas, enfraqueceu vínculos e impactou o desenvolvimento emocional de milhões de crianças e adolescentes. A ausência de contato presencial comprometeu práticas essenciais para a convivência democrática, como o diálogo, o respeito mútuo e a capacidade de resolver conflitos de forma não violenta. Além disso, o aumento de transtornos mentais, a sobrecarga emocional dos profissionais da educação e o aprofundamento das desigualdades sociais criaram um ambiente propício à amplificação de tensões e à expressão de violências múltiplas dentro da escola.

Nesse sentido, os episódios de violência escolar devem ser interpretados como **sintomas de um mal-estar coletivo**, que vai além da relação aluno-professor ou da disciplina em sala de aula. Eles expressam a fragilidade das políticas públicas voltadas à proteção da infância e juventude, à valorização da educação e à saúde mental nas instituições escolares. A escola, muitas vezes, tem assumido de forma solitária funções sociais que deveriam ser compartilhadas com outras esferas do poder público, como a saúde, a assistência social e a segurança.

O retorno às aulas presenciais, longe de representar uma retomada da normalidade, revelou a urgência de transformar a escola em um espaço de reconstrução do tecido social. Para isso, é necessário que ela seja compreendida não apenas como um local de transmissão de conteúdos, mas como um ambiente seguro, acolhedor e formador de sujeitos críticos, empáticos e emocionalmente equilibrados. A reconstrução do senso de pertencimento, da confiança mútua e do cuidado coletivo precisa ser colocada no centro das práticas pedagógicas e institucionais.

Importa destacar que ações pontuais ou superficiais não são capazes de resolver o problema de forma efetiva. A superação da violência escolar exige investimentos contínuos, políticas públicas intersetoriais e compromisso institucional com uma educação integral. Medidas como a implantação de programas permanentes de educação socioemocional, a presença de profissionais especializados em saúde mental nas escolas, a formação continuada de docentes em práticas restaurativas e o envolvimento ativo das famílias e comunidades são essenciais nesse processo.

Por fim, é fundamental reconhecer que a construção de uma escola pacífica e democrática não depende apenas de decisões políticas ou administrativas, mas sim de uma responsabilidade coletiva e compartilhada. Gestores, professores, estudantes, famílias e a sociedade civil precisam caminhar juntos na construção de um espaço educacional que acolha as diferenças, respeite os direitos humanos e contribua para o desenvolvimento integral de todos os seus membros.

O enfrentamento da violência escolar no pós-pandemia é, portanto, uma oportunidade histórica de repensar o papel da educação na sociedade contemporânea — não como instrumento de controle, mas como prática de liberdade, cidadania e reconstrução de vínculos humanos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M.; SILVA, T. *Impactos Sociais da Pandemia na Juventude Brasileira*. Revista Brasileira de Educação, v. 28, n. 1, p. 75–89, 2022. GOMES, A. P. et al. *Pandemia e Emoções: o efeito do distanciamento social no comportamento infantojuvenil*. Psicologia em Estudo, v. 26, n. 3, p. 301–312, 2021. OLIVEIRA, L. M. et al. *Educação Socioemocional no Pós-pandemia: desafios e caminhos*. Educação & Sociedade, v. 44, e250473, 2023. OMS. Organização Mundial da Saúde. *Relatório Global de Saúde Mental*. Genebra: OMS, 2021. SANTOS, A. F.; LIMA, R. S. *Práticas Restaurativas no Ambiente Escolar: uma abordagem preventiva*. Revista Educação em Foco, v. 14, n. 2, p. 123–140, 2024. SILVA, D. L. *Violência Escolar e Pandemia: uma análise contextual*. Cadernos de Pesquisa em Educação, v. 52, n. 2, p. 44–58, 2022. VEIGA NETO, A. *A educação e a reconstrução dos vínculos no retorno presencial*. Educar em Revista, v. 36, n. esp., p. 45–59, 2020.